

ESTÓRIAS DE FADAS E ESTÓRIAS MESTRAS: UMA APLICAÇÃO DE COSMOVISÃO EM *ÁRVORE E FOLHA*, DE J. R. R. TOLKIEN

JONATAS DE OLIVEIRA*


Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), Programa de Pós-Graduação em Letras, São Paulo, SP, Brasil.

Recebido em: 6 jun. 2024. Aprovado em: 8 nov. 2024.

Como citar este artigo: OLIVEIRA, J. de. Estórias de fadas e estórias mestras: uma aplicação de cosmovisão em *Árvore e folha*. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 24, n. 3, p. 89-98, set./dez. 2024. DOI: 10.5935/cadernosletras.v24n3p89-98

Resumo

Nas diversas maneiras de estudar a relação entre uma obra e seu autor, há uma que pode ser feita no âmbito filosófico-teológico: por meio dos conceitos da cosmovisão. Assim, este artigo explora a aplicação do conceito de cosmovisão na obra *Árvore e folha*, de J. R. R. Tolkien. A cosmovisão é um conceito oriundo da filosofia alemã e expandida por teólogos como Abraham Kuyper e James Sire e, aqui, é usada para analisar como Tolkien expressa suas crenças cristãs em narrativas de fantasia. Tolkien defende que a fantasia é uma atividade natural humana, refletindo sua condição de subcriadores, segundo a imagem de Deus.

* E-mail: jonatas.oliveira@mackenzie.br
 <https://orcid.org/0009-0005-5468-8212>

As estórias de fadas, para ele, ajudam os leitores a verem o mundo com novos olhos e oferecem um final feliz, que espelha a narrativa cristã de redenção. O estudo conclui que a cosmovisão de Tolkien se manifesta de forma coerente e profunda em suas obras.

Palavras-chave

Cosmovisão. Fantasia. Tolkien.

INTRODUÇÃO

A relação entre autor e sua obra pode ser estudada de diversas maneiras. Há relações que podem ser feitas entre a vida do autor, seu pensamento e o que ele expressa em textos. Essa relação ganha ingredientes desafiadores quando se trata de textos narrativos.

Uma das relações pode ser efetuada tendo como base o conceito filósofo-teológico da cosmovisão. Tal conceito, oriundo da filosofia alemã (iniciando-se em Kant), ganhou vida prática por teólogos holandeses (como Abraham Kuyper e Herman Doyerweerd) e foi definido e sistematizado por teólogos americanos no início do século XXI (especialmente David Naugle e James Sire). No Brasil, o conceito tem sido estudado no ambiente cristão reformado; nomes como os dos pastores Heber Campos Jr. (2019) e Pedro Dulci (2019) têm popularizado o conceito e suas aplicações. Contudo, como se verá adiante, o termo é muito mais complexo e profundo do que se pode expressar.

Do outro lado, a obra de J. R. R. Tolkien pode ser um objeto de aplicação do conceito de cosmovisão em diversas obras. As obras do autor, inclusive, já foram objeto de estudo de várias filosofias e teologias. Uma, contudo, pouco explorada como objeto de pesquisa é o livro *Árvore e folha* (2020), no qual pode ser aplicado o conceito de cosmovisão.

Este artigo apresentará uma possível relação entre o conceito de cosmovisão e o texto contido no livro *Árvore e folha*, de J. R. R. Tolkien, sendo dividido em quatro partes. Na primeira, apresenta-se brevemente a história e a definição do conceito em si. Na segunda, contextualiza-se a vida e a obra do autor inglês, bem como justifica-se a escolha de *Árvore e folha*. Na terceira, mostra-se uma aplicação possível da cosmovisão no capítulo “Sobre estórias de fadas” do referido livro e, por fim, tecem-se considerações finais salientando as limitações da análise e critérios de replicabilidade para outros estudos.

COSMOVISÃO: UM CONCEITO

James Orr, um pastor presbiteriano escocês, no final do século XIX, apontava para a falta de identificação da origem do termo *weltanschauung* (cosmovisão). Segundo Naugle (2017), somente no século XX é que o desenvolvimento filológico do termo foi pesquisado e que se admitiu a Immanuel Kant “[...] um reconhecimento universal de que esse notável filósofo prussiano cunhou o termo *weltanschauung* na sua obra *Crítica do juízo*, publicada em 1790” (Naugle, 2017, p. 93).

Desde então, nomes da filosofia como Hegel, Kierkegaard, Dilthey, Nietzsche, dentre outros, desenvolveram filosoficamente o termo, conforme relata Naugle. Contudo, inspirado pela pesquisa de Naugle, James Sire propõe em seu livro *Dando nome ao elefante* (2012) uma definição que resume décadas de filosofia e de pensamento. De acordo com Sire (2012, p. 119-120):

Cosmovisão é um compromisso, uma orientação fundamental do coração, que pode ser expresso como uma estória ou num conjunto de pressuposições (suposições que podem ser verdadeiras, parcialmente verdadeiras ou totalmente falsas) que sustentamos (consciente ou subconscientemente, consistente ou inconsistentemente) sobre a constituição básica da realidade, e que fornece o fundamento no qual vivemos, nos movemos e existimos.

A proposta desse conceito é de que no coração há compromissos pré-teóricos que são a base da existência. O conceito de *coração* não é só o órgão que bombeia sangue ou que representa um aspecto emocional da vida, em contraste com o cérebro, por exemplo. Naugle (2017) estabelece, com base em textos do Antigo Testamento, que o *coração* é um centro da existência humana, sendo fonte *intelectual, afetiva e volitiva*. Além disso, com base em textos do Novo Testamento, o *coração* pode ser o *centro* psíquico das *afeições humanas, fonte da vida espiritual, sede do intelecto* e o *núcleo espiritual* “[...] em torno do qual a vida orbita” (Naugle, 2017, p. 343). Em suma, o autor diz que “[...] o coração e seu conteúdo como centro da consciência humana cria e constitui o que comumente nos referimos como uma *Weltanschauung*” (Naugle, 2017, p. 345).

Interessante é que, como Sire ressalta, a cosmovisão pode ser expressa em “estórias ou em um conjunto de pressuposições”. Sobre essa parte da definição, o autor diz que:

A cosmovisão não é uma estória ou um conjunto de pressuposições, mas pode ser expressa dessa maneira. Ao refletir sobre de onde eu e toda a raça humana viemos ou para onde a minha vida ou a humanidade é conduzida, minha cosmovisão está sendo expressa como uma estória. O naturalismo, com seu padrão de *big bang*; a evolução do cosmo; a formação das galáxias, sóis e planetas; o aparecimento da vida sobre a terra e o seu eventual desaparecimento à medida que o universo envelhece, é uma estória-mestre. O niilismo é uma estória-mestre, quem sabe um conto cheio de som e fúria narrado por um idiota significando nada, mas uma estória-mestre apesar de tudo. O cristianismo, com seu padrão de criação, queda, redenção e glorificação, é uma narrativa mestre. Vejo a minha vida e a vida dos outros como minúsculos capítulos nessa estória-mestre. O significado dessas pequenas estórias não pode ser dissociado da estória-mestre, mas parte desse significado é proposicional. Quando, por exemplo, pergunto-me o que estou realmente assumindo sobre a realidade, o resultado é um conjunto de ideias que posso expressar em forma proposicional (Sire, 2012, p. 123).

Como Tolkien é um autor que maiormente escreveu estórias, podemos vinculá-las à narrativa-base da cosmovisão, mas não só elas. Como será visto a seguir, o texto “Sobre estórias de fadas” (que não é uma narrativa *per se*) procura inserir a contação de estórias em *Feéria* na estória mestra proposta pelo cristianismo católico, observando aspectos de Criação, Queda, Redenção e Restauração. No entanto, para identificar aplicações do conceito de cosmovisão no texto em questão, é necessário apresentar o objeto de estudo deste artigo.

TOLKIEN E ÁRVORE E FOLHA

Conforme aponta Caldas Filho (2011, p. 47-48) sobre a obra de Tolkien,

As sucessivas reedições, as traduções para um número impressionante de línguas, os periódicos científicos especializados, os grupos acadêmicos e pesquisa a respeito de temas ligados ao *legendarium* tolkieniano são evidências da importância dessa obra.

Caldas Filho (2011) ainda elenca dezenas de autores que estudaram o trabalho de Tolkien sob diferentes perspectivas e ressalta que, no Brasil, obras escritas em português ainda são poucas.

Conhecido por uma obra majoritariamente narrativa, Tolkien tem alguns trabalhos póstumos que não se enquadram nesse estilo, dentre eles *Árvore e folha*. O livro, conforme edição lançada pela editora HarperCollins, é dividido em quatro partes. A primeira é “Sobre estórias de fadas”, um ensaio elaborado por Tolkien e explicitado a seguir; a segunda é “Mitopeia”, uma resposta a uma afirmação feita por C. S. Lewis em formato de prosa; e as partes três e quatro, que contêm dois contos.

O primeiro capítulo do livro, “Sobre estórias de fadas”, é sobretudo uma fonte teórica, que acaba não sendo utilizada como objeto de estudo. Originalmente, o texto foi preparado como uma palestra e,

[...] numa forma mais curta, apresentado na Universidade de St. Andrews em 1938. Acabou sendo publicado, com alguma ampliação, como um dos itens da coletânea *Essays presented to Charles Williams*, pela *Oxford University Press*, em 1947, agora fora de catálogo. Está reproduzido aqui com algumas poucas alterações menores (Tolkien, 2020, p. 10).

Conforme indica Carpenter (2018), na biografia oficial do autor sul-africano, essa palestra, apresentada no dia 8 de março de 1939 e cujo tema havia sido selecionado pelo próprio Tolkien, seria uma das infundáveis perturbações que atrasaram a conclusão de *O novo Hobbit*, livro que se tornou *O senhor dos anéis*.

Optou-se por analisar a aplicabilidade do conceito de cosmovisão neste ensaio porque, assim como toda a obra de Tolkien, pode ser analisada sob uma perspectiva filósofo-teológica, porque “Evangelho é o tema fundamental, o pano de fundo interior e a esperança implícita na obra de Tolkien” (Caldas Filho, 2011, p. 50) e isso pode ser visto não só nas estórias, como também neste ensaio a seguir.

COSMOVISÃO EM “SOBRE ESTÓRIAS DE FADAS”

Sire (2012, p. 119-120) define o conceito de cosmovisão como:

[...] um compromisso, uma orientação fundamental do coração, que pode ser expresso como uma estória ou num conjunto de pressuposições (suposições que podem ser verdadeiras, parcialmente verdadeiras ou totalmente falsas)

que sustentamos (consciente ou subconscientemente, consistente ou inconsistentemente) sobre a constituição básica da realidade, e que fornece o fundamento no qual vivemos, nos movemos e existimos.

É possível relacionar esse texto ao tópico Fantasia (Tolkien, 2020, p. 56-64), às partes “Recuperação”, “Escape”, “Consolação” (Tolkien, 2020, p. 64-77) e ao epílogo (Tolkien, 2020, p. 77-79) do livro *Árvore e folha*, de J. R. R. Tolkien.

O autor, em primeiro lugar, estabelece que a criação de estórias de fadas acontece num aspecto basilar da humanidade, ou seja, a “Fantasia é uma atividade natural humana” (Tolkien, 2020, p. 63). Para ele, a condição humana de ter sido especificamente criado à imagem e semelhança de seu criador torna o homem um subcriador natural, capaz de (sub)criar Mundos Secundários (*Feéria*) baseados no Mundo Primário (o mundo objetivo no qual os seres humanos vivem). Nas palavras dele: “Criamos tal qual fomos criados” (Tolkien, 2020, p. 63).

É interessante perceber que há uma distinção entre a subcriação da Fantasia e outras subcriações humanas. Tolkien afirma que o mau uso da Fantasia não invalida seu uso, afinal, para ele, seria menos nocivo se os homens tivessem criado elfos ou duendes em vez de deuses:

Os homens conceberam não apenas elfos, mas imaginaram deuses e os adoraram, adoraram mesmo aqueles mais deformados pelo próprio mal de seus autores. Mas eles fizeram falsos deuses com outros materiais: suas nações, suas bandeiras, seus dinheiros; até suas ciências e suas teorias sociais e econômicas já exigiram sacrifício humano. *Abusus non tollit usum*. A Fantasia continua a ser um direito humano; criamos, na nossa medida e ao nosso modo derivativo, porque fomos criados; e não apenas criados, mas criados à imagem e semelhança de um Criador (Tolkien, 2020, p. 64).

Ou seja, levando em consideração que a criação de *Feéria* como um lugar no qual os seres humanos são os intrusos e que a criação do Mundo Secundário só acontece com base no que é experimentado no Mundo Primário, a estória de fadas em Tolkien pode ser uma expressão narrativa da cosmovisão de seu autor, tendo em vista que, para Naugle e para Sire, a cosmovisão é inerente ao ser humano e se expressa em narrativas.

Tolkien vincula a arte (sub)criativa não só à sua cosmovisão como católico, mas afirma que os seres humanos (sub)criam por serem criatura e que isso,

como mostrado, faz parte de sua natureza. Esse fator acontece mesmo que o autor desta estória de fadas creia conscientemente ser criado ou não.

Tolkien então avança em seu argumento dizendo que a Recuperação (uma das características da Fantasia) permite ao ser humano “[...] ver as coisas como nós somos (ou fomos) destinados a vê-las” (Tolkien, 2020, p. 66). A ideia aqui é que o leitor veja a potencialidade dos elementos naturais:

A Fantasia é feita do Mundo Primário, mas um bom artifice ama seu material e tem um conhecimento e uma intuição sobre o barro, da pedra e da madeira que só a arte de criar pode dar. Pela forja de Gram o ferro frio foi revelado; pela criação de Pégaso os cavalos foram enobrecidos; nas Árvores do Sol e da Lua, raiz e tronco, flor e fruto, são manifestos em glória (Tolkien, 2020, p. 67-68).

Aqui, nota-se que, para o autor, as estórias de fadas podem remodelar a forma como o indivíduo enxerga o mundo, ensina a ver as coisas como o ser humano é destinado a ver. Aqui há a segunda relação entre a argumentação de Tolkien e a cosmovisão definida por Sire. A Fantasia é uma expressão narrativa de uma visão de mundo, além de haver uma possibilidade de esta estória fantástica mudar as visões de mundo dos leitores. O que leva ao terceiro e último aspecto.

Para Tolkien, não só os seres humanos criam porque foram criados e não só expressam essa natureza por meio de estórias de fadas, mas este mundo é um “secundário” no qual o autor da História adentra para providenciar sua Eucatástrofe.

A Eucatástrofe é a boa catástrofe, “[...] catástrofe, a repentina ‘virada’ alegre (pois não há fim verdadeiro para nenhum conto de fadas); essa alegria, que é uma das coisas que as estórias de fadas produzem supremamente bem [...]” (Tolkien, 2020, p. 75). Ou seja, ainda que haja a Tragédia, nas estórias de fadas, no final de todas elas haverá a Consolação do Final Feliz, a vitória final universal. Com isso, Tolkien associa a Eucatástrofe a uma boa notícia, um *evangelium*.

Assim, para a narrativa cristã, o que ocorre com o nascimento, vida, morte e ressurreição de Jesus de Nazaré é a Eucatástrofe do Mundo Primário.

Eu me aventuraria a dizer que, abordando a Estória Cristã por esse ângulo, sempre foi meu sentimento (um sentimento alegre) que Deus redimiu as criaturas criadoras corruptas, os homens, numa maneira adequada a esse aspecto,

assim como a outros, de sua estranha natureza. Os Evangelhos contêm uma estória de fadas ou uma estória de um tipo maior que abraça toda a essência da estória de fadas. Eles contêm muitas maravilhas – peculiarmente artísticas, belas e comoventes: míticas em sua significância perfeita e autocontida; e, entre as maravilhas, está a maior e mais completa eucatástrofe concebível. Mas essa estória adentrou a História e o mundo primário; o desejo e a aspiração da subcriação foram elevados à plenitude da Criação. O Nascimento de Cristo é a eucatástrofe da história do Homem. A Ressurreição é a eucatástrofe da estória da Encarnação. Essa estória começa e termina em alegria. Tem preeminentemente a 'consistência interna da realidade'. Não há estória jamais contada que os homens tenham querido tanto que fosse verdadeira, e nenhuma que tantos homens céticos tenham aceitado como verdadeira em seus próprios termos. Pois a Arte dela tem o tom supremamente convincente da Arte Primária, isto é, da Criação. Rejeitá-la leva ou à tristeza ou à ira (Tolkien, 2020, p. 77-78).

Com base na invasão do Mundo Primário pelo Criador, Tolkien defende que toda estória de fadas, para que tenha consistência interna, precisa ser coerente com a Realidade do Mundo Primário. Ou seja, para ser boa, a estória de fada precisa partir e estar alinhada aos pressupostos da narrativa bíblica de Criação, Queda, Redenção e Restauração, comuns não só na cosmovisão protestante, mas também na cosmovisão católico-romana, que era a cosmovisão de J. R. R. Tolkien. É possível dizer, a partir disso, que a consistência interna das estórias de fadas está em sua coerência com as proposições da cosmovisão cristã.

Como apresentado, o conceito de cosmovisão pode ser aplicado no texto “Sobre estórias de fadas” em três aspectos. No primeiro, é natural para os seres humanos criarem estórias tal qual a cosmovisão, que se expressa em narrativas. No segundo aspecto, nota-se que as estórias de fadas fazem o leitor observar o Mundo Primário de forma nova e inserir-se em uma nova narrativa, alterando sua cosmovisão. Por fim, o terceiro aspecto visto é que, para o autor, o segundo aspecto se apresenta real pelo fato de o Criador do Mundo Primário tê-lo invadido e providenciado sua Eucatástrofe.

CONCLUSÃO

Este artigo trata de apresentar relações dos conceitos de cosmovisão, como definido por James W. Sire, à teoria de J. R. R. Tolkien sobre as estórias

de fadas, e não precisamente sobre sua obra narrativa, como *O Silmarillion*, *O Hobbit*, *O senhor dos anéis*, dentre outros. Desse modo, o trabalho apresenta algumas limitações.

A primeira é que o conceito de cosmovisão, ainda que não seja exclusivamente protestante, nem tenha sua origem no pensamento reformado, como apresentado neste artigo, não é expresso por Tolkien. Ele não expressa de forma clara e inequívoca qualquer relação entre o termo cosmovisão e seus textos. Qualquer relação que se faça entre os conceitos de cosmovisão propriamente dita e a obra do autor são associações e podem ilustrar o conceito, contudo, não há certeza de que ele tenha tido conhecimento de tal termo e feito aplicações dele em seus escritos.

A segunda limitação é que a coerência entre o que o autor britânico vai chamar de Mundo Primário e Mundo Secundário e a expressão do Mundo Secundário tendo relação com a metanarrativa bíblica Criação, Queda, Redenção e Consumação expressa a visão de Tolkien e uma definição abrangente e completa do que seria a Fantasia ou a Estória de Fadas. Apesar de o artigo ser focado somente na definição de Tolkien, essa limitação se torna necessária para elucidar de que este artigo é uma tentativa de aplicação em um dos poucos textos não fantásticos do autor, o que leva ao aspecto de replicabilidade.

Ainda com essas limitações, este artigo visa propor uma reflexão inicial sobre a relação entre o conceito de cosmovisão e Fantasia, especificamente como é possível estudar como as estórias do Mundo Secundário podem se enquadrar na metanarrativa de Criação, Queda, Redenção e Consumação. Sendo assim, para a replicação deste estudo é importante explicitar e conhecer o conceito de cosmovisão e as limitações de aplicações em obras diversas. Contudo, pela própria natureza do conceito de cosmovisão, ele pode ser aplicado a quaisquer obras. É importante, contudo, ter conhecimento da vida e de toda a obra para ter compreensão completa de em qual cosmovisão o autor se enquadra. No caso de Tolkien, isso pode ser aplicado com certa segurança.

Nesta obra ainda há aspectos da cosmovisão que não foram explorados, como o mandato cultural e a redenção do coração, evidentes no epílogo do referente ensaio. A obra de Tolkien é rica para análises teológicas, por isso, caso se tenha interesse de efetuar um estudo mais profundo nesta ou em outras obras do autor, pode-se partir do referencial teórico deste artigo para que se identifique de que forma narrativa Tolkien expressa a interferência do Mundo Primário no ambiente fantástico das “estórias de fadas”.

Fairy-stories and master stories: an application of worldview in *Tree and Leaf* by J. R. R. Tolkien

Abstract

Among various approaches to studying the relationship between a work and its author, one can be undertaken within the philosophical-theological realm: through the lens of Worldview. This article explores the application of the concept of worldview in J. R. R. Tolkien's *Tree and Leaf*. Worldview is a concept originating in German philosophy and expanded upon by theologians like Abraham Kuyper and James Sire, and here it is used to analyze how Tolkien expresses his Christian beliefs through fantasy narratives. Tolkien defends fantasy as a natural human activity, reflecting humanity's condition as sub-creators, made in the image of God. Fairy stories, for him, help readers see the world with fresh eyes and offer a happy ending, mirroring the Christian narrative of redemption. The article concludes that Tolkien's worldview manifests itself coherently and deeply in his works.

Keywords

Worldview. Fantasy. Tolkien.

REFERÊNCIAS

- CALDAS FILHO, C. R. Proposta de leitura teológica da mitologia de J. R. R. Tolkien. In: CALDAS FILHO, C. R. *O evangelho da Terra-Média: leituras teológico-literárias da obra de J. R. R. Tolkien*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011. p. 47-80.
- CAMPOS JR., H. *Amando a Deus no mundo: por uma cosmovisão reformada*. São José dos Campos: Fiel, 2019.
- CARPENTER, H. J. R. R. *Tolkien: uma biografia*. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2018.
- DULCI, P. *Inteligência pra quê? Como usar seu cérebro para a glória de Deus*. São Paulo: Mundo Cristão, 2019.
- NAUGLE, D. K. *Cosmovisão: a história de um conceito*. Brasília: Monergismo, 2017.
- SIRE, W. J. *Dando nome ao elefante: cosmovisão como um conceito*. Brasília: Monergismo, 2012.
- TOLKIEN, J. R. R. *Árvore e folha*. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2020.